



CORPO DE DELITO

A imprensa em Liberty Valance

Ah, longínquo, velho e selvagem Oeste. Ainda bem que evoluímos e hoje já não há imprensa assim, nem um único exemplo



Rui Patrício

Há dias em que um tipo vê um filme para se distrair ou evadir, mas o que escolhe afinal mete-lhe a realidade pelos olhos dentro com a brutalidade de uma mosca caída na sopa. É isso que costuma acontecer quando revejo "O Homem Que Matou Liberty Valance", e não sei se a culpa é do filme ou se é minha, pois, como dizem alguns, o objecto só existe nos olhos do sujeito. Seja como for, este clássico de John Ford dá-me sempre um banho de realidade, excepto nos momentos em que retrata a imprensa, pois a do filme é muito diferente da nossa de hoje, não havendo qualquer semelhança, nem mesmo por mera coincidência. Cada um dos momentos em que o filme retrata a imprensa é um pedaço de teoria geral, mas – valha-nos isso – uma teoria geral de algo que só acontecia naquele tempo e lá longe, no velho e selvagem Oeste.

Logo no início, quando o senador e a mulher chegam a Shinbone para velar Tom Doniphon (o bom carac-

ter rápido e certo a disparar), espera-os o ex-xerife, mas logo se lhes junta um repórter, e depois outros. Ou seja, o filme começa (e, aliás, continua e acaba) sob o signo de (dos) três grandes poderes: a política, a força e a imprensa. Hoje, claro, já não é nada assim. Depois, quando todos se juntam para eleger os delegados à Convenção em Capitol City, Dutton Peabody – o fundador, dono e editor do jornal da terra – é o protagonista de dois momentos eloquentes: primeiro, aquele em que é confrontado com a impossibilidade de tomar uma bebida durante a assembleia, e diz, alto e bom som, que devia haver uma excepção para a imprensa, pois o contrário seria levar longe de mais a democracia; depois, quando se mostra relutante em aceitar ser delegado à Convenção, declarando que não

Devia haver uma excepção para a imprensa; o contrário seria levar longe demais a democracia

No Oeste, quando a lenda se torna um facto publica-se a lenda: ainda bem que tudo mudou

é político, mas sim alguém que faz e desfaz políticos; mas afinal acaba por aceitar ser delegado, tomando o partido de um dos dois lados que se defrontarão, e pondo de parte a objectividade e o relato desapassionado e cru dos factos. Aliás, já antes se notava que por vezes compunha o seu jornal (especialmente os títulos e as primeiras páginas) de um modo que favorecia a visão de um dos lados. E na Convenção acabará mesmo por ter um papel decisivo no curso dos acontecimentos e no seu desfecho. É claro que ele é um homem de bom coração, e é também verdade que a causa que defende é a que parece justa e a que colhe a simpatia do espectador. Mas não deixa de ser uma tomada de posição, e Peabody, com muita facilidade, deixa de noticiar para passar a militar, embora ainda, e sempre, sob as vestes de jornalista. Hoje, claro, também já não é assim, não há um único exemplo. E quase no fim do filme temos mais um momento, aquele em que descobrimos que afinal foi outro o homem que matou Liberty Valance e os jornalistas decidem que não contarão a verdade, pois, como diz um deles, no Oeste quando a lenda se torna um facto publica-se a lenda. Ah, longínquo, velho e selvagem Oeste. Ainda bem que evoluímos, e hoje já não há imprensa assim, nem um único exemplo.

Advogado

Escreve quinzenalmente ao sábado